

## PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA POR ALUNOS SURDOS – UM BREVE RELATO SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS

*Fernanda Witkowski*

[nanda\\_wit@hotmail.com](mailto:nanda_wit@hotmail.com)

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

*Anizia Costa Zych*

[azych@irati.unicentro.br](mailto:azych@irati.unicentro.br)

Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO

### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar a importância do Ensino da Língua de Sinais como contribuição e interação na vida escolar da criança surda. Este trabalho é resultado parcial da pesquisa intitulada “*Processo de aquisição da Leitura e Escrita por alunos surdos*”. Para chegarmos a esse objetivo buscamos compreender a trajetória de vida das pessoas surdas desde os primórdios da civilização até os dias de hoje, fizemos uso de alguns referenciais teóricos como GOLDFELD (2002), MOURA (2000), SAWREY; TELFOR (1977), SKLIAR (1997), entre outros que comentam sobre o assunto.

**Palavras-chave:** Criança surda, aprendizagem, história.

### INTRODUÇÃO:

Desde os primórdios da civilização, as pessoas com deficiência vêm sendo vistas com maus olhos pela sociedade, quando nascia uma criança com alguma deficiência, as famílias eram condenadas pela sociedade ou elas mesmas se condenavam julgando ser um castigo de Deus, essas

crianças eram então rejeitadas por todos e condenadas à morte, sendo abandonadas em estradas ou jogadas em penhascos.

Isso ocorria pelo fato de que ao se depararem com o “diferente”, e/ou ao que não conheciam ou entendiam, sentiam-se incomodados e desconfortáveis, sobre tal fato TELFORD e SAWREY (1977), comenta, “As pessoas desenvolvem uma vasta gama de expectativas acerca dos demais. Esperamos que a maioria das pessoas seja ‘normal’ e, quando nossas expectativas não são atendidas, desenvolvemos categorias adicionais às quais ajustam os desvios de normalidade”. (p. 17).

Para falarmos então sobre o indivíduo surdo, faz-se necessário voltarmos no tempo considerando como o surdo vem sendo educado através dos tempos. Para tanto utilizamos algumas referências para melhor compreensão da história, iniciaremos então com a visão que os Gregos e Romanos tinham sobre os surdos, num segundo momento discorreremos sobre os estudos realizados por médicos e estudiosos e por fim apontaremos três abordagens: *o oralismo, o bilingüismo e a comunicação total*.

## **UM BREVE RELATO SOBRE A EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

Na antiguidade, os ouvintes consideravam que os surdos não eram seres competentes, que não tinham possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais, uma vez que consideravam que, o pensamento não poderia se desenvolver sem linguagem, a qual não se desenvolvia sem a fala, que não se desenvolvia sem a audição, portanto quem não ouvia não falava, não pensava, não adquiria ensinamentos, enfim não aprendia.

A linguagem comum é o nosso meio principal de interação social. [...] a audição e a fala contribuem para a aceitação social, assim como para o sentimento de segurança pessoal e ajudam também na aprendizagem e manutenção das aptidões não-verbais. (TELFORD e SAWREY 1977, p.514).

Os romanos privavam os surdos que não falavam, de todos os seus direitos legais, de acordo com Moura (2000, p.16) “eles não podiam fazer testamentos e precisavam de um curador para todos seus negócios, eram tidos como incapazes de gerenciar seus atos, perdiam sua condição de ser - humano e eram considerados retardados”.

As crianças surdas faziam os trabalhos mais desprezíveis, que existisse, viviam sozinhos abandonados na miséria, à lei considerava-os imbecis, privando-os de direitos como, heranças,

Igreja Católica até a Idade Média acreditava que suas almas não poderiam ser consideradas imortais, por não poderem falar os Sacramentos.

Só em 1198, foi autorizado pelo Papa Inocêncio III, o casamento de um surdo dizendo: *"CUM QUOD VERBIS NON PODES SIGNIS VALET DECLARE". O QUE NÃO PODE FALAR EM SINAIS PODE MANIFESTAR.*<sup>1</sup>

Mais tarde um advogado e escritor Bartolo della Marca D'Ancona, encontra a possibilidade de o surdo poder aprender através da língua de sinais ou da língua oral, pois considerava que por meio da expressão pelos sinais, as conseqüências seriam diferentes do ponto de vista legal.

No século XVI um médico italiano, Girolamo Cardano (1501-1576), declara que os surdos não só poderiam como deveriam receber instruções. Como seu primeiro filho era surdo, passou a se interessar pelos surdos e também por estudos do ouvido, nariz e cérebro, afirmando que quem nascia surdo profundo poderia ser ensinado a ler e a escrever sem a fala.

Contudo o verdadeiro início da educação de surdos se deu com Pedro Ponce de Leon<sup>2</sup> (1520-1584), considerado o primeiro professor na história sendo o seu trabalho a base para diversos educadores de surdos.

Dedicou a maior parte de sua vida à educação dos surdos filhos de nobres<sup>3</sup>, ensinando-os a falar, ler, escrever, rezar e conhecer doutrinas do Cristianismo, proporcionando então a possibilidade de falar, como também o direito de receber a fortuna e o título familiar.

Apesar de não existirem evidências de que Ponce de Leon transmitir seu método para qualquer pessoa, seu trabalho foi aproveitado por outros educadores de surdos, dentre eles Bonet<sup>4</sup>, o primeiro a se interessar pelo trabalho, este se apropriou de algumas técnicas de seu trabalho, inclusive do Alfabeto digital.

Em 1620, Bonet publicou um livro, no qual se apresenta como inventor da arte de ensinar o Surdo a falar, e oferece uma nova idéia que, para o surdo seria mais fácil aprender a ler, se cada som da fala, fosse representado por uma forma visível invariável, que poderia ser configuração de mão ou uma letra escrita.

Bonet também tinha seus seguidores, dentre eles Johann Conrad Amman<sup>5</sup>, que apesar de acreditar que o uso dos sinais atrofiava a mente para o posterior desenvolvimento da fala, através do

---

<sup>1</sup> Retirado de [www.surdofoz.com.br](http://www.surdofoz.com.br)

<sup>2</sup> Monge beneditino que viveu num Monastério Beneditino em San Salvador, em Onã, na Espanha.

<sup>3</sup> No final da Idade Média e início da Idade Moderna, a educação de surdos era destinada apenas a filhos de nobres, os quais precisavam garantir a continuação dos bens e riquezas da família.

<sup>4</sup> Juan Pablo Bonet (1579-1629), filólogo e soldado a serviço secreto do Rei.

<sup>5</sup> Médico suíço. Principal expoente do movimento oralista alemão.

pensamento, utilizava os sinais e o alfabeto digital como instrumento para se chegar à fala, depois quando não eram mais necessários abandonava-os.

Outro seguidor de Bonet foi John Wallis (1616-1703), o qual escreveu o primeiro livro inglês sobre a educação do surdo (1698), embora Wallis tivesse pouca experiência de trabalho prático e real, e desistido de ensinar a fala aos surdos, é considerado o fundador do Oralismo na Inglaterra.

Depois de um século, Thomas Braidwood lê o trabalho de Wallis e resolve dar continuidade, pois considerava a fala como a “Chave da Razão<sup>6</sup>”, e funda uma escola em Edimburgo, na qual trabalhava com os surdos e com crianças que apresentavam problemas de fala. O primeiro surdo a frequentar a escola foi Charles Green, o qual por apresentar um sucesso notável, despertou em seu pai, Francis Green a vontade de implantar uma escola para surdos nos Estados Unidos, porém não recebeu apoio de Braidwood, pois o mesmo não desejava espalhar suas técnicas e perder sua fonte de renda.

Green acabou então abandonando a defesa do oralismo, já que seu filho ao retornar para os Estados Unidos regrediu na fala, e passou a considerar que a melhor forma de ensinar o surdo era por meio da língua de sinais, pois, “[...] seria a única língua que o surdo poderia dominar plenamente e que serviria para todas as suas necessidades de comunicação e cognitivas”. Goldfeld (2002, p45)

Abbé de L’Epée<sup>7</sup>, foi para muitos o inventor dessa língua, mas, como já foi citado anteriormente, a mesma já existia muito antes de iniciar seu trabalho. Contudo, pode-se dizer que os dias mais felizes da nação surda foram dirigidos por ele, pois interessou-se pelos surdos que não vinham de berço de ouro, e por esse motivo não recebiam a mesma atenção dos surdos filhos de nobres, e encontravam-se em situação de miséria e exclusão tanto social quanto educacional.

Em 1760, L’Epée iniciou seu trabalho com duas irmãs surdas analfabetas em Paris, em três anos além das meninas, havia mais de doze alunos, e por volta de 1780 ele já podia acomodar mais de 70 crianças em suas classes.

O mais importante de L’Epée, além de desenvolver um método novo na educação dos surdos, foi a humildade de aprender a língua de sinais com os surdos para poder por meio dela, atingir seu próprio sistema para educá-los. Ele foi o primeiro a considerar que os surdos tinham uma língua.

---

<sup>6</sup>Retirada de Moura (2000, p.21)

<sup>7</sup>Charles-Michel de L’Epée, nascido em 1712, começou a ensinar os surdos em 1760 por razões religiosas.

Outras contribuições de L'Epée, foram, a criação da primeira escola pública para crianças surdas no mundo, a qual se transformou no Instituto Nacional para Surdos-Mudos de Paris, depois dirigido por um dos seguidores de L'Epée, o gramático Sicard (1742-1822), e a passagem da educação individual para a educação coletiva.

A morte de L'Epée coincidiu com o início da Revolução Francesa, foi aclamado postumamente como o “campeão dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Seu sistema de gestos foi nomeado pelos revolucionários como “a linguagem dos anjos”. Foi declarado herói nacional depois do golpe oralista de Milão, em 1880.

L'Epée pretendia mais tarde ensinar seus alunos a leitura labial e, se possível a fala articulada, para capacitá-los e participar ativamente na vida Francesa. Sendo assim ele não era um anti-oralista nem tão pouco um tipo precoce de nacionalista.

No século XIX, os Estados Unidos se destacaram na educação dos surdos utilizando a Língua de Sinais americana (ASL), influenciada pela língua de sinais francesa, por um professor francês surdo, Laurent Clerc (discípulo de Abbé Sicard), fundando junto com Thomas Gallaudet, a primeira escola para surdos, a qual transformou-se em 1864 na única Universidade para surdos do mundo.

A história da Educação dos Surdos no Brasil teve início em 1857, com a vinda de um professor surdo francês, Eduard Huet, que veio ao Brasil a convite do Imperador D. Pedro II, a fim de trabalhar com a educação dos surdos. A princípio, os surdos eram educados por meio da linguagem escrita articulada e falada e por sinais. Neste mesmo ano foi criado o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)<sup>8</sup>, o qual atendia inicialmente duas crianças surdas com o método oral.

Faz-se necessário lembrar que, naquele tempo a oralização era feita por professores comuns, pois, não havia especializados. De acordo com Skliar (1997, p. 109).

A maioria dos surdos submetidos à oralização, no Brasil, não fala, ou faz leitura labial, ou participa naturalmente da interação verbal. Existem ainda, surdos com anos de escolaridade nas séries iniciais, sem uma produção escrita compatível com a série freqüentada, além das dificuldades encontradas em outras séries.

Durante a década de 1880 até a década de 1970, a educação dos surdos no mundo todo seguia e se conformava com a orientação oralista decidida no Congresso de Milão<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> Inicialmente chamado de Imperial Instituto de Surdos-Mudos, passando a receber o nome de Instituto Nacional de Surdos Mudos, em 1956, e de Instituto Nacional de Educação de Surdos em 1957. [www.feneis.org.br](http://www.feneis.org.br)

Desde o final do século XIX até fins da década de 60 do século XX, a língua de sinais foi pouco utilizada nas escolas, pois os educadores acreditavam que aprender a oralizar, era o primeiro passo para a alfabetização e também a integração à comunidade ouvinte. Sendo assim o método oral se mantinha dominante na educação do surdo.

Muitos surdos profundos ou filhos de pais surdos eram rejeitados pelas escolas, que pretendiam assim garantir o sucesso aceitando apenas os que tinham possibilidades de falar.

Porém, os primeiros relatos dos insucessos do oralismo também se deram no século XX. Dois psicólogos, Binet e Simon, em 1910 realizaram uma avaliação sistemática da educação do surdo em duas instituições francesas, e concluíram que os surdos não realizavam a conversação através do oralismo, a educação oralista não permitia que eles conseguissem trabalho, trocassem idéias com outras pessoas.

Para melhor entendimento faz-se necessário um breve passar por três abordagens, ou filosofias, *oralismo, comunicação total e o bilingüismo*.

### **Filosofias: Oralismo, Comunicação Total, Bilingüismo**

O oralismo, como já vimos anteriormente, teve seu auge a partir do Congresso de Milão (1880), quando foi abolido o uso da linguagem de sinais. O oralismo se baseou em muitas técnicas como o aparelho auditivo para explorar e aproveitar os restos auditivos, e consiste então em ensinar o surdo a falar.

O Oralismo percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva. Essa estimulação possibilitaria a aprendizagem da língua portuguesa e levaria a criança surda a integrar-se na comunidade ouvinte e desenvolver uma personalidade como a de um ouvinte. Ou seja, o objetivo do Oralismo é fazer uma reabilitação da criança surda em direção à normalidade, à .não-surdez. (GOLDFELD, 1997, p.34).

Este método, infelizmente, ainda influencia profissionais, que acreditam ser um método educacional adequado para a educação de Surdos.

---

<sup>9</sup> O **Congresso de Milão** foi uma conferência internacional educadores de surdos, em 1880. Depois de deliberações entre 6 e 11 de Setembro de 1880, o congresso declarou que a educação oralista era superior à de língua gestual e aprovou uma resolução proibindo o uso da língua gestual nas escolas. [...] O Congresso durou 3 dias, nos quais foram votadas 8 resoluções, sendo que apenas uma [...] foi aprovada por unanimidade. [...] 3. Os governos devem tomar medidas para que todos os surdos recebam educação; [http://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso\\_de\\_Mil%C3%A3o\\_-\\_2009](http://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso_de_Mil%C3%A3o_-_2009)

De acordo com Schelp (2008), p.50,

No Oralismo, a primeira medida educacional implantada foi proibir o uso da língua de sinais e obrigar os alunos surdos a sentarem sobre as mãos para que assim pudessem melhor oralizar. [...] Os professores surdos que até então atuavam nas escolas e nas salas de aula foram dispensados de todas as escolas e institutos.

Porém, para o surdo, a aquisição da fala é um trabalho árduo, que precisa ser contínuo e prolongado, dessa forma, é necessário ter acompanhamento de um trabalho sistematizado, feito por um profissional competente, ou seja, um fonoaudiólogo. Para Goldfeld (1997), “[...] a criança surda (portadora da surdez severa e/ou profunda) não tem condições de adquirir a língua oral apenas pelo diálogo. Ela necessita sempre de terapia fonoaudiológica que possa oferecer estimulação sistematizada da língua oral.” (p.90)

Porém o aprendizado da língua oral, mesmo sendo prolongado, não garante o desenvolvimento completo da criança surda, nem tão pouco sua integração a comunidade ouvinte.

Segundo Goldfeld (1997, p. 90), o oralismo possui uma falha muito grande, isto é, um conceito simplista de língua. “Língua para essa filosofia, é um conjunto de regras abstratas que tem como função a comunicação, ou seja, uma concepção Saussuriana.”

Com isso, muitas crianças surdas, embora possam oralizar em português, tem dificuldades sociais, emocionais e cognitivas, sendo então, dificilmente participantes ativas da comunidade ouvinte.

Outro fato importante no oralismo é o fracasso, ou seja, muitos surdos que não obtém sucesso na aquisição da língua oral são considerados pelos outros e por si mesmo fracassados, perdedores, apontando as falhas não ao método oralista, mas, ao fato de serem surdos e não saberem oralizar.

Faz-se necessário lembrar que, muitos adolescentes e adultos bem sucedidos no oralismo, sentem necessidade de conviver com outros surdos, por isso vão em busca de aprender a língua de sinais para então integrar-se na comunidade surda, podendo estar próximo, interagir e falar de assuntos referentes à sua realidade. Segundo Botelho (2005, p.112)

A língua de sinais é concebida como a língua materna de pessoas surdas, e a educação bilíngüe propõe a exposição a ela o mais cedo possível, de modo a oportunizar o desenvolvimento dos processos cognitivos e de linguagem, através de programas de atenção lingüística precoce, [...]

Entende-se então o quão importante é o aprendizado da língua de sinais seja oferecida às crianças surdas desde pequenas.

Surge então na década de 70, uma alternativa de oralismo escrito, a comunicação total<sup>10</sup>, a qual “[...] foi definida oficialmente como uma filosofia que incorpora as formas de comunicação auditivas, manuais e orais apropriadas para assegurar uma comunicação efetiva com as pessoas surdas.” Schindler in Moura (2000, p.57).

Schelp (2008) p.51, ressalta:

Sua principal meta era o uso de quaisquer estratégias que permitisse o resgate de comunicações, total ou parcialmente bloqueadas. Este novo modelo combinava a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, enfim, qualquer recurso que colaborasse com o objetivo principal: a utilização da língua oral.

Ou seja, a comunicação total aborda todos os meios que venham facilitar a comunicação, os quais tinham o objetivo de auxiliar a compreensão da língua falada, por esse motivo muitos viam a comunicação total como uma extensão do oralismo.

Nessa abordagem todos os recursos são importantes e indispensáveis para promover a comunicação, sendo estes a fala, a leitura labial, escrita, desenho, língua de sinais, alfabeto manual, etc.

No entanto, a comunicação total sofreu críticas em relação a sua abordagem do uso simultâneo da fala e dos sinais (bimodalismo), por serem duas línguas distintas. Por esse motivo a comunicação total logo cedeu espaço ao bilingüismo.

Esse por sua vez, reconhece o surdo na sua diferença e especificidade, pois, defende o uso da língua de sinais e o uso do português, contudo não de forma simultânea como na abordagem anterior.

No bilingüismo, a língua de sinais é a primeira língua (língua natural) do surdo, a qual é adquirida na interação com outros indivíduos sem necessitar de um trabalho sistematizado, e o ensino de português é tido então como a segunda língua.

Segundo Marianne Stumpf (2006, p 292)

O bilingüismo é o objetivo visado pela criança surda. Ela deverá adquirir duas línguas: a língua de sinais e a língua de seu país em forma escrita (leitura e escrita). Para atingir esse objetivo, a escola precisa em suas práticas trabalhar de forma diferente, usando uma pedagogia que possibilite ao educando atingir essa meta.

---

<sup>10</sup> No século XX, educadores insatisfeitos com o oralismo imposto, e sem resultados satisfatórios, são atraídos por uma nova filosofia, ou seja, a comunicação total.



Desse modo a língua de sinais é adquirida pelos surdos, assim como o português é adquirido pelos ouvintes. Fato que não aconteceria se tentassem oralizá-los. Sendo assim, o ideal seria que a criança surda adquirisse a Língua de Sinais ao mesmo tempo em que a criança ouvinte adquire a Língua portuguesa.

Porém, muitos surdos advêm de pais ouvintes, portanto usuários da língua oral na interação uns com os outros, desse modo, acabam “invertendo a ordem”, tendo o primeiro contato com a língua oral e apenas ao ingressarem na escola é que vão aprender a língua de sinais. Isso se na escola a língua de sinais for considerada fundamental para o aluno surdo. Nos dias de hoje essa filosofia é muito discutida, porém, é colocada em prática apenas em algumas escolas.

De acordo com Goldfeld (1997),

O importante é que todos os profissionais percebam a importância da língua de sinais no desenvolvimento da criança surda. Essa língua é a única que pode ser adquirida espontaneamente pela criança surda, ou seja, em suas relações sociais, nos diálogos, pois, [...] a língua oral requer técnicas específicas para ser aprendida pela criança surda. (p.109)

É válido lembrar que, o bilingüismo, assim como outras filosofias, não deve ser definido como uma filosofia homogênea. Cabe, portanto, ao professor atuar e pesquisar seguindo diferentes abordagens.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises e resultados da presente pesquisa encontram-se em andamento, contudo, as reflexões apresentadas na mesma nos permitem retratar que, inúmeras foram as mudanças em relação a trajetória de ensino e aprendizagem dos surdos.

Contudo, embora os tempos tenham passado e muito se tenha progredido em relação às conquistas dos surdos para com a sociedade, ainda existem muitas dificuldades e preconceitos, pois, é muito difícil, acostumar-se com a presença do “diferente” em nosso meio. Vale lembrar que, nossa sociedade ainda não está preparada para receber pessoas usuárias da língua de sinais, por isso ainda há esse choque lingüístico.

Sendo assim, faz-se necessário ressaltar, que mesmo existindo certo padrão de normalidade a ser seguido, é preciso que nós, pais, pedagogos, diretores, enfim, comunidade falante, reflitamos sobre tais práticas, proporcionando a esses alunos não, a igualdade aos demais, mas sim, a sua

especificidade como aluno surdo, deixando essa normalidade de lado e passando a enxergar as diferenças existentes, como uma forma de construção de novos saberes, experiências e conhecimentos, reconhecendo a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais como uma língua, assim como as demais.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Genivalda. **Histórico da Educação do Surdo na Brasil**. Disponível em: [www.feneis.org.br](http://www.feneis.org.br). 28/05/10.

BOTELHO, Paula. **Linguagem e letramento na educação dos surdos** – Ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda: Linguagem e Cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Editora Plexus, 2002.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo: Caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2000.

SAWREY, J.M; TELFOR, C.W. **O Indivíduo Excepcional**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1977.

SCHELP, Patrícia Paula. **Práticas de letramento de alunos surdos em contexto de escola inclusiva**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2008.

SKLIAR, Carlos (org.). **Educação & Exclusão: abordagens sócio-antropológica em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

STUMPF, Marianne. **Práticas de bilingüismo: relato de experiência**. Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, jun/2006, p.290-299.

VILHALVA, Shirley. **Dia do Surdo**. Disponível em: [www.surdofoz.com.br](http://www.surdofoz.com.br). 25/05/10.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso\\_de\\_Mil%C3%A3o\\_-\\_2009](http://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso_de_Mil%C3%A3o_-_2009)

